

O absoluto enquanto Processo em Heráclito e Hegel (Uma leitura a partir dos fragmentos de Heráclito e do prefácio da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas de Hegel*)

Ericsson Venâncio Coriolano *

Resumo: Esse artigo pretende fazer uma aproximação entre as filosofias de Heráclito e Hegel, a partir da compreensão de que o absoluto só pode ser apreendido enquanto processo. Trata-se, pois, de partir da leitura dos fragmentos de Heráclito, identificar sua concepção de *Logos* e relacioná-la com a idéia de movimento, de devir. Pois para Heráclito o *Logos* se dá a partir da luta (*pólemos*) dos contrários, ou seja, da unidade das diferenças; essa unidade é o devir, o movimento. O *Logos* só pode ser apreendido quando se pensa conforme esse processo, que é o resultado da negação determinada entre ser e não-ser. Essa mesma compreensão possui Hegel, quando expõe o absoluto a partir de um processo de diferenciação do próprio absoluto com ele mesmo, a começar por suas mediações consigo mesmo. Ou seja, para Hegel, o fundamento de todo conhecimento em si dá-se no seu próprio desdobramento em si e para si, que é por outro lado, mediado pelo outro de si. A necessidade da filosofia dá-se então, em passar pelos vários objetos do espírito (sensibilidade, imagens, os fins da vontade, etc.) e apreender o que é o objeto por excelência da filosofia: o pensar.

Palavras-chave: Dialética, Hegel, Heráclito, Pré-socráticos.

Abstract: This article intends to do a reading of Heraclites fragments starting from the conceptual horizon of Hegel's dialectics. It intends to show that in Heraclites philosophy the absolute, in the idea of *Logos* is apprehended as a process. It is necessary to identify the conception of *Logos* and to relate it with the idea of movement, of becoming. According to Heraclites, the *Logos* appears from conflict

(*pólemos*) of the opposites, in others words, of the unity of the differences; this unity is the becoming, movement. The *Logos* can only be apprehended when one thinks according this process, that it is the result of a certain denial between the being and the non-being. This position approximates Hegel's and Heraclites philosophies being both in the same philosophical tradition that conceives negativity as immanent to the absolute, in others words, that reality possesses an unfolding dialectics.

Key-words: Dialectic, Hegel, Heraclites, Pre-Socratics.

I O *Logos* enquanto processo em Heráclito

Heráclito é o primeiro filósofo a conceber a realidade como uma síntese de contrários, reconhecer isto é afirmar que só há conhecimento a partir da unidade dos opostos. É certo que Tales é tido como o primeiro homem a entender o todo a partir de uma unidade inteligível (*hydros=água*), mas foi Heráclito quem determinou essa unidade como um luta (*pólemos*)¹ que tende para a harmonia. Dessa forma o *Logos*² é visto como devir e a realidade como processo. Nisto está fixada sua filosofia, no entendimento da

¹ Cf. fragmento 53 em que Heráclito escreve: “O combate (*pólemos*) é de todas a coisas o pai, de todas rei (...)” (Sobre a Natureza (DK 22 b 1-126) / Heráclito de Éfeso. *Os Pré-socráticos*; fragmentos, doxografia e comentários, p. 93. Doravante as citações dos fragmentos de Heráclito a partir desta obra referida serão apenas indicadas pelo o fragmento, o seu respectivo número e a página onde se encontra. Todos os termos gregos foram tirados do original impresso na obra: *Heráclito (Fragmentos Contextualizados)* e conferidos a partir de um dicionário de grego-português. Confira também nesta obra um ensaio que esclarece o problema da autoria e veracidade dos fragmentos heracliteanos, bem como a questão da numeração dos fragmentos que é adotado hoje internacionalmente, a saber a de Diels.

² Sabendo da dificuldade da tradução da palavra *Logos* para o português, lembro que esse verbete é o nome correspondente ao verbo *légein* = recolher, dizer. Pode ser traduzido por palavra, discurso, ordem, linguagem, razão etc.

* Mestrando em Filosofia na Universidade Federal do Ceará.

realidade absoluta como processo mediado pelo *Logos* e sem pressupostos particulares (imediatos). O movimento é o princípio (*arché*)³ do Todo, dado pela oposição de um ao outro, ou seja, pela mediação dada a partir de uma negação determinada.⁴ E aqui encontra-se a singularidade de Heráclito: admitir o negativo determinado como propulsor do conhecer, da verdade. Para Heráclito, há um *Logos* que perpassa o cosmos e manifesta-se conscientemente no homem. O homem pode escolher entre duas vias, a saber, a imediata que se dá pelo entendimento particular do sensível e a mediada ou conforme o *Logos*. A partir dos dois primeiros fragmentos de Heráclito será melhor compreendido o que foi enunciado neste primeiro parágrafo:

Deste *logos* sendo sempre os homens se tornam descompassados⁵ quer antes de ouvir quer logo tenham ouvido; pois, tornando-se todas (as coisas) segundo esse *logos*, a inexperientes se assemelham embora experimentando-se em palavras e ações tais quais eu discorro segundo a natureza distinguindo cada (coisa) e explicando como se comporta. Aos outros homens escapa quanto fazem despertos, tal como esquecem como fazem dormindo.⁶

E depois:

³ *Arché* = fundamento, governo, princípio. Notar que a palavra não tem só o sentido de origem, mas também de fundamento e governo.

⁴ Já que para Heráclito o contrário do quente é o frio, da morte a vida, do dia a noite, etc. Cf. Hegel, G. W. F. *Preleções sobre a História da Filosofia*, p. 105: "(Em Heráclito) O essencial é que cada diferente, cada particular seja diferente de um outro – mas não de um abstrato qualquer outro, mas de seu outro; cada um apenas é, na medida em que seu outro em si esteja consigo, em seu conceito". Doravante as citações de Hegel a partir desta obra referida serão indicadas apenas pelo nome do autor (Hegel) seguido por *Preleções* e o número da página.

⁵ Do grego *axynétoi*.

⁶ Fragmento 1.

Por isso é preciso seguir o que-é-com [*koinós*], (isto é, o comum [*xynós*]; pois o comum [*koinós*] é o-que-é-com [*xynós*]). Mas, o *logos* sendo o-que-é-com [*xynós*], vivem os homens como se tivessem uma inteligência particular [*idián phrónesis*]⁷.⁸

Pode-se notar, por meio dos fragmentos citados, que o *Logos* para ele é uma racionalidade objetiva, a qual perpassa todas as coisas dando a medida, o comum. E aqui é preciso fazer um esclarecimento de ordem filológica. Heráclito usa o vocábulo, no fragmento citado acima, *axynétoi*, que literalmente significa "os-que-não-são-conforme-o-comum", para falar dos homens que não compreendem, ou seja, que ignoram o *Logos*. E o vocábulo *xynós*, sinônimo de *koinós* = comum e que também quer dizer o que obra ou vive em comum. No fragmento 2 Heráclito escreve: "Por isso é preciso seguir o que-é-com [*koinós*], (isto é, o comum [*xynós*]; pois o comum [*koinós*] é o-que-é-com [*xynós*])." Ora, o que Heráclito quer expor é que há um *Logos* que determina o comum a todos os seres e que é tarefa do filósofo perceber esse o-que-é-com, pois os homens em geral não conseguem alcançar essa verdade, pois esse caminho é árduo e profundo. O pensamento não-filosófico é o que busca um conhecimento particular (*idián phrónesis*) de compreensão do *Logos*. Aqui fica claro as duas vias para o conhecimento, uma a dos homens que representam o *Logos* a partir de si mesmo, ou seja, os homens que "Ouvindo descompassados assemelham-se a surdos; o ditado lhes concerne: presentes estão ausentes"⁹ e a outra a dos filósofos que entendem que tudo é um, ou seja, os que seguem o

⁷ Do grego *idiós* = próprio, particular, separado, privado; e *phrónesis* = ação de pensar, inteligência de uma coisa.

⁸ Fragmento 2.

⁹ Fragmento 34.

que-é-com (o comum).¹⁰ E o que há de comum é a luta dos contrários, ou seja, o devir.¹¹

Assim, já em Heráclito há duas formas de pensar: uma, apreende as coisas de imediato representando-as para si; e a outra, compreende as coisas como desdobramento do comum, ou seja, do *Logos*. Colocando em categorias da filosofia clássica, para ele é preciso mergulhar nas aparências e na multiplicidade e delas perceber o que há de essência, de unidade. Essa unidade para Heráclito dá-se no devir. Por isso, talvez, o epíteto de aristocrático e misantropo, justamente por distanciar-se dos demais homens, por superar o pensamento particular (imediato) e direcionar-se para uma posição mais determinada e universal.

Pois, para Heráclito, filosofar é negar o imediato e buscar o absoluto pela mediação reflexiva. A diferença entre o homem que medita e o que prende-se ao particular, Heráclito expõe a partir das figuras do homem vigilante e a do adormecido.¹² Há outro epíteto famoso atribuído a Heráclito, a saber –“o obscuro” – que para muitos explica-se pelo fato dele falar enigmaticamente. Mas ficaria mais coerente pensar, a possível obscuridade de Heráclito, a partir do seu entendimento do *Logos*.¹³ Ou seja, o que ele estranhou no cosmos e admitiu como necessário, como unidade; é nesse ponto que Heráclito guarda toda sua “divindade”. Heráclito concebe o

¹⁰ No fragmento 35 Heráclito escreve que: “Pois é preciso que de muitas coisas sejam inquiridores os homens amantes da sabedoria (*philosophous*)”.

¹¹ Cf. fragmento 80. “É preciso saber que o combate (*pólemos*) é o-que-é-com (*xynón*)(...)”.

¹² Fragmento 89: “Heráclito diz que para os despertados um mundo único e comum é, mas o que estão no leito cada um se revira para o seu próprio”. P.97 Cf.: Hegel. *Preleções*. “(...) Esta vigília, esta consciência do mundo exterior que faz parte desta sabedoria, é antes, um estado, mas é aqui tomada pelo todo da consciência racional”.

¹³ Mesmo levando em consideração sua escrita quase oracular.

Logos como processo, ou como escreveu Hegel, como a própria dialética.¹⁴

Heráclito pensa o *Logos* a partir dos contrários, ou seja, a partir de uma negação determinada. Dessa forma, o ser não tem fundamento apenas em si mesmo, mas no seu contrário, ou seja, no não-ser. O não-ser aqui é uma posição determinante e ser não pode ser compreendido isoladamente. A unidade é o acolhimento da multiplicidade enquanto harmonia dos desarmônicos. Isso fica claro no fragmento 8: “Heráclito (dizendo que) o contrário é convergente e dos divergentes nasce a mais bela harmonia, e tudo segundo a discórdia”; e no 10: “Conjunções o todo e o não todo, o convergente e o divergente, o consoante e o dissonante, e de todas as coisas um e de um todas as coisas”. Aqui reside sua obscuridade, admitir o absoluto como devir. O universal dá-se a partir dos opostos, ou seja, das diferenças. Ele parte da negação do imediato e expõe o absoluto a partir da unidade das diferenças e essa unidade é o devir, o movimento que é posto pelo outro determinado de si. A oposição, enquanto devir, é colocada como catalisadora do pensar e é ela – a oposição, a unidade dos opostos – que impulsiona o homem para o *Logos*. O infinito coloca-se como a fonte de todo pensar, manifestando-se no incessante movimento que se dá no combate dos contrários. Pois para ele tudo flui (*panta rei*), tudo é movimento, eterno devir. Isso fica mais claro, quando lemos de Hegel as seguintes afirmações: “Em Heráclito, vemos o infinito como tal expresso como conceito e essência: o infinito, que é em si e para si, é a unidade dos opostos e, na verdade, dos universalmente opostos, da pura oposição, ser e não-ser. (...) Em Heráclito o momento da negatividade é imanente; disto trata o conceito de toda a filosofia”.¹⁵

Em Heráclito, já há uma consciência filosófica, mesmo que ainda indeterminada, pois afirmar que ser e não-ser são um só, é

¹⁴ Cf. Hegel. *Preleções*, p. 102: “Heráclito concebe o próprio absoluto como processo, como a própria dialética”.

¹⁵ Hegel. *Preleções*, p. 104.

afirmar que a objetividade só é na subjetividade e a subjetividade na objetividade. Ou seja, é conhecendo a si mesmo que o homem conhece o todo. O homem é manifestação consciente do *Logos*. Escreve Heráclito no fragmento 101: "Procurei-me a mim mesmo". O homem é o não-todo do todo, ou seja, sua parte. E para Heráclito, a parte e o todo formam uma unidade. A essência se dá na diferença de todos. Todas as coisas são em relação a seu outro. "Assim cada coisa é o outro do outro enquanto seu outro. Este é o grande princípio de Heráclito; pode parecer obscuro, mas é especulativo; isto é, para o entendimento que segura para si o ser, o não-ser, o subjetivo e o objetivo, o real e o ideal, sempre obscuro."¹⁶ E a crítica que Hegel faz aqui ao entendimento, que representa para si o real separando os contrários; Heráclito faz aos ignorantes, ou seja, àqueles que não seguem o comum (objetividade) e se inclinam para a particularidade (subjetividade). Aqui a explicação para o epíteto de "obscuro".

Ora, logo para Heráclito o erro consiste em separar o particular do universal. O universal deve ser compreendido nas suas particularizações. O universal é apreendido no particular, no movimento permanente dos contrários. Por isso, Hegel afirmou que a filosofia de Heráclito não é passada e a utilizou em sua *Lógica*, pois é a partir do pensamento dialético que Heráclito expõe o absoluto. Mais precisamente, conforme a doxografia de Diógenes Laércio, em dois momentos abstratos: a primeira numa dialética ascendente, que ele chamou de "caminho para cima" através da figura da rarefação; e a outra numa dialética descendente, o "caminho para baixo" na figura da condensação.

(...) e o que leva a conflagração, concórdia e paz, e a mudança é um caminho para cima e para baixo, e segundo ela se origina o cosmos. Condensado o fogo se umidifica, e com mais consciência torna-se água, e esta, solidificando-se, passa a terra; e este é o caminho para

¹⁶ Idem, p. 105.

baixo. Inversamente, a terra se derrete e se transforma em água, e desta se formam as outras coisas que ele refere quase todas à evaporação do mar, e este é o caminho para cima.¹⁷

O que Heráclito quis dizer com essas passagens,¹⁸ aparentemente obscuras, é que o devir se cristaliza em ser, mas este ser retorna ao devir como diferenciação de si a partir de seu contrário, do não-ser. Ou seja, o fogo (figura do devir) se umidifica (oposição ao devir) tornando-se terra (síntese) e depois volta ao fogo, mas só enquanto pensamento voltado para o seu contrário determinado. Pois "(...) se produzem evaporações a partir da terra e do mar, umas brilhantes e puras, e outras tenebrosas. E é aumentando o fogo pelas brilhantes e o úmido pelas outras".¹⁹ Heráclito mostra, em última análise, que a filosofia é um processo permanente de conhecimento de si mesmo, a partir da mediação do outro enquanto seu contrário determinado. A natureza se conhece pelo homem. Ou em últimas palavras: o absoluto se conhece a si mesmo pelo seu desdobramento em si e para si, através de uma negação determinada.

A filosofia de Heráclito, mesmo sendo atual, apresenta ainda algumas indeterminações, que em parte vão ser solucionadas por Platão e depois por Hegel. O problema da exposição do absoluto por figuras puramente sensíveis, como o fogo, a água, a terra, etc., mostra que ele não conseguiu superar a esfera da representação do real²⁰. Heráclito percebe que não se pode separar o conhecer do seu

¹⁷ Laércio, D. IX, 1-17 (DK 22 A1).

¹⁸ Para maior esclarecimento sobre essa questão, cf. Hegel. *Preleções*, p. 108, em que Hegel comenta sobre a filosofia de Heráclito que: "Tudo é trindade, essencial unidade; a natureza é isto que jamais repousa e o todo é a passagem de um para outro, da divisão para unidade, da unidade para divisão".

¹⁹ Idem, p. 83.

²⁰ Cf. Hegel, G. W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas em epítome*, § 3: "As representações em geral podem considerar-se como metáforas dos

procedimento, mas expõe isso de forma representativa e ilustrativa. Outro problema é o da essência do *Logos* se perder na má infinitude,²¹ sem síntese e sem retorno a si, ou seja, o *Logos* é representado por determinações finitas, que só são enquanto negação do seu ser-outro nunca retornado a si, enquanto síntese através da negação da negação, ou seja, enquanto alteridade do outro, logo suas formas, devido ao eterno devir, ficam indeterminadas. O absoluto apresenta-se sempre como devir, não conseguindo fixa-se enquanto Idéia.²² Dessa forma, o não-ser é sempre pensado como estranho ao próprio ser, como algo exterior a ele e não como parte do seu próprio desdobramento. A essência perde-se, então, no fluxo perpétuo da transformação. A dialética, em Heráclito, não consegue determinar as formas da essência, seu *eidos*, sua Idéia.

II O absoluto enquanto processo em Hegel

Essa forma de filosofia só se determina na modernidade com escritos de Hegel. Na Introdução da sua Enciclopédia das Ciências Filosóficas, Hegel expõe como a filosofia deve trabalhar dialeticamente o absoluto. A filosofia não pode possuir nada anterior a própria investigação filosófica, ela tem que legitimar a si e a seus pressupostos num mesmo processo *apresentativo*.²³

pensamentos e conceitos". Cf. também Borges, Maria de L. A. *Da Vorstellung à Darstellung*.

²¹ Sobre essa questão cf. *Enciclopédia das ciências filosóficas*, § 92-95; Hegel, G. W. F. *Science de la logique*, p. 116-124; e Salgado, J. C. *A Idéia de Justiça em Hegel*, p. 118-126.

²² Cf. Borges, Maria de L. A. *História e Metafísica em Hegel*, p. 19: "Hegel denomina de Idéia à totalidade racional, que, de uma identidade inicial consigo mesma, opõe-se a si e, através dessa contemplação desse ser-outro, volta a estar junto de si mesma".

²³ Cf. Hegel, G. W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas em epítome*, § 1.

É necessário o movimento do pensar que se inclina para as determinações do real, mas recusando a exposição representativa do absoluto, pois para Hegel o absoluto se manifesta nos particulares e tem sua expressão por excelência no conceito. O erro se dá quando por um lado, tenta-se apreender o conceito na representação do sujeito particular, por falta de hábito de abstração, ou por outro lado, quando se toma a representação pelo conceito, por falta de paciência reflexiva.²⁴

III Conclusão

Dessa forma, Hegel, assim como Heráclito, compreende o movimento do absoluto a partir da mediação do outro, mas esse movimento agora é do Absoluto se desdobrando em si e para si a partir da diferenciação consigo mesmo. O pensar é exposto como movimento que se dá interna e externamente, é consciência e mundo. Assim, como em Heráclito, em Hegel a consciência de si é também do todo. A certeza do todo é a certeza de si, e aqui não se pode separar o conhecimento de seus procedimentos. Perguntar pelos procedimentos já é conhecer, ou seja, só se conhece conhecendo. O que Hegel expõe é que não se pode pensar os fundamentos do conhecer fora do próprio conhecer.²⁵

Para Hegel, o fundamento de todo conhecimento em si, se dá no seu próprio desdobramento em si e para si, que é por outro lado mediado pelo outro de si. A necessidade da filosofia se dá então, em passar pelos vários objetos do espírito (sensibilidade, imagens, os fins da vontade etc.) e apreender o que é o objeto por excelência da filosofia: o pensar.²⁶ Mas ao admitir o pensar como objeto

²⁴ Cf. Idem, § 3.

²⁵ Cf. Idem, § 10.

²⁶ Em Heráclito já há esse salto do imediato negado para um pensamento mediado pelo *Logos*.

ela cai em contradição, pois como pensar o pensar? O primeiro passo, escreve Hegel, é não escolher o seu contrário, ou seja, o não-pensar. O segundo é aceitar a contradição como momento necessário do absoluto e superá-lo num movimento dialético, reconciliando assim, ser e pensar. Para Hegel o erro das outras filosofias foi desesperar-se com a contradição e retornar as formas de representação (numa espécie de misologia).²⁷

Ora, mas como começar o movimento especulativo? Isso Heráclito já sabia intuitivamente quando escreveu metaforicamente que devemos ouvir o Logos, ou seja, é vivendo conforme o Logos que o conhecemos, é experienciando o absoluto conforme o seu desdobramento que há o seu conhecimento. Hegel determina melhor conceitualmente quando escreve que devemos começar do começo, ou em última análise, da experiência. O ponto de partida da filosofia neste caso é a experiência.²⁸ É negando o imediato através da mediação dialética entre ser e pensar, sujeito e objeto, particular e universal que a filosofia dá conta do seu itinerário, que é compreender o desdobramento da Idéia em todas as suas formas e expô-la a partir de si mesma dentro das suas mediações. E nesse movimento não há separação entre sujeito e objeto, ser e pensar, particular e universal. O absoluto se dá em todas suas formas e não há nada de estranho à ele, já que ele é em si e para si a partir das próprias mediações consigo mesmo.

Assim, foi a tarefa da filosofia de Heráclito dar conta do absoluto enquanto processo e assim é o seu equivalente moderno na expressão mais determinada desta filosofia, Hegel.

²⁷ Cf. *Enciclopédia*, § 11.

²⁸ Cf. *Idem*, § 12.

Bibliografia

BORGES, Maria de L. A.. *História e Metafísica em Hegel*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

HEGEL, G. W. F.. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome*, vol. I. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. *Fenomenologia do Espírito*, vol. I. Tradução Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. *Preleções sobre a História da Filosofia*. In: Os Pré-socráticos. S. Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores)

_____. *Science de la logique*, v. I. Tradução P.-J. Labarrière et Gwendoline Jarczyk. Paris: Aubier Montaigne, 1981.

HERÁCLITO DE ÉFESO. *Heráclito (Fragmentos Contextualizados)*. Tradução, Apresentação e Comentários Alexandre Costa. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

_____. Sobre a Natureza (DK 22 B 1-126) /. In: *Os Pré-socráticos; fragmentos, doxografia e comentários*. Tradução de José Cavalcante de Souza. S. Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores)

OLIVEIRA, Manfredo A. A Dialética do senhor e do escravo: a parábola do processo de humanização enquanto processo de libertação. In: *Ética e sociabilidade*. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. Lógica transcendental e lógica especulativa. In: *A Filosofia na crise da modernidade*. São Paulo: Loyola, 1995.

SALGADO, J. C. *A Idéia de Justiça em Hegel*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.